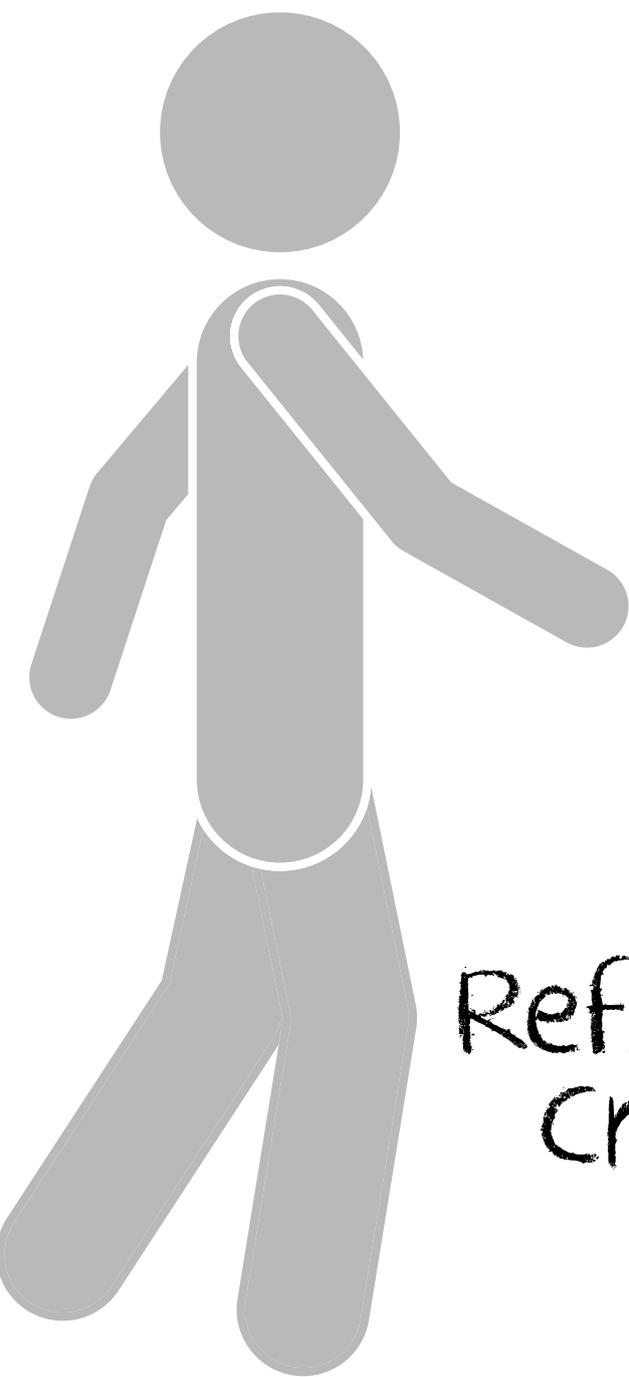


# Reflexões Crônicas

**Damião Caetano da Silva**

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**



Reflexões  
Crônicas





# Reflexões Crônicas

**Damião Caetano da Silva**

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

© Damião Caetano da Silva

Editora Executiva: **Cassia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**  
**ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057**

---

Silva, Damião Caetano da  
Reflexões crônicas / Damião Caetano da Silva. -- São Paulo :  
Recanto das Letras, 2019.

104 p.

ISBN: 978-85-7142-012-0

1. Crônicas brasileiras I. Título

18-2287

CDD B869.93

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crônicas brasileiras

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

editorarecantodasletras.com.br

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Aos analfabetos, por ensinarem-me a ler o mundo para além das palavras; a Danilo Cândido Vieira, pelas contribuições sempre pertinentes; e à Lwdmila Constant Pacheco, pelo indispensável apoio moral.



Serra da Barriga!

Barriga de negra-mina!

As outras montanhas se cobrem de neve,

de noiva, de nuvem, de verde!

E tu, de Loanda, de panos-da-costa,

de argolas, de contas, de quilombos!

[...]

Serra da Barriga, buchuda, redonda,

de jeito de mama, de anca, de ventre de negra!

Mundaú te lambeu! Mundaú te lambeu!

[...]

Barriga da África! Serra da minha terra!

Te vejo bulindo, mexendo, gozando Zumbi!

Depois, minha serra, tu desabando, caindo,

levando nos braços Zumbi!

*Serra da Barriga* — Jorge de Lima



Este coração, em mim, posso senti-lo e decido que ele existe. Este mundo, posso tocá-lo e decido ainda que ele existe. Aí para toda a minha ciência, o resto é construção.

*O Mito de Sísifo* — Albert Camus



# SUMÁRIO

Interatividade malfazeja .....	13
Progresso .....	16
A bicicleta do servente de pedreiro .....	19
Retrato.....	22
Tonho da Cigarra .....	24
Balas voadoras.....	28
O leitor .....	32
Bestialidade e brasilidade .....	33
Tanajuras no asfalto .....	35
A experiência .....	36
Vida de robô.....	39
Casas modernas.....	43
Guarda-chuva .....	45
São João .....	48
Bem-aventurados do Século XXI .....	51
Os cálculos do carroceiro .....	53

<b>O rádio de Manezinho .....</b>	<b>56</b>
<b>Mundo dantesco .....</b>	<b>59</b>
<b>Feriado .....</b>	<b>61</b>
<b>A encomenda .....</b>	<b>64</b>
<b>Alumbramento .....</b>	<b>67</b>
<b>À janela .....</b>	<b>70</b>
<b>O operador de pare e siga e o mercado do boi gordo .....</b>	<b>72</b>
<b>Eufemismos imoderados .....</b>	<b>74</b>
<b>Progressos mundanos .....</b>	<b>76</b>
<b>Cachorros famintos .....</b>	<b>77</b>
<b>Ei, menino! .....</b>	<b>80</b>
<b>Operário da noite .....</b>	<b>83</b>
<b>Amor às máquinas.....</b>	<b>86</b>
<b>Invisível.....</b>	<b>89</b>
<b>A mudança.....</b>	<b>92</b>
<b>As três placas .....</b>	<b>95</b>
<b>Cavalo de duas rodas .....</b>	<b>98</b>
<b>Riso incontido .....</b>	<b>100</b>

## Interatividade malfazeja

Interatividade entre os humanos é ida sem volta. A tecnologia de que dispomos atualmente engendra a curiosidade humana pelo existir alheio, e a pergunta do século é saber se essa interatividade que o mundo moderno nos proporciona é invenção dos deuses ou do diabo.

Foi-se o tempo em que o sujeito, querendo mesmo descansar, deitava-se à rede, soltava um bocejo profundo e tirava seu cochilo sossegado. Isso era permitido aos bípedes há muito tempo, quem sabe até remonte à época do homem paleolítico, que hoje a situação é outra. Atualmente, embora a Terra permaneça com a mesma quilometragem de tempos idos, parece que a cada dia encurta, apequena-se, ligando os habitantes das mais remotas áreas por fios invisíveis. Graças a tecnologias criadas por homens de saber — como a internet, o computador, o micro-ondas —, chegamos aonde chegamos atualmente: a perder o sono, o salário do mês em suaves parcelas de uma Brastemp e o mais grave, a perder a privacidade.

Sempre há alguém à espreita, querendo saber o que comemos no café da manhã, se pagamos a conta de luz, se alimentamos o gato, se estamos namorando, se cortamos

as unhas... Por mais que queiramos nos abster, hoje é quase impossível parar em nós essa curiosidade perniciosa, suscitada por diferentes meios tecnológicos disponíveis. O interesse pelo existir alheio nos convém, ainda que o neguemos.

Não importa se vamos ao Ximenes, um sítio na zona rural de União dos Palmares meio deserto ainda, em busca de sossego, se nesse local há eletricidade. Um vivente bem-intencionado acomoda-se em bar amigo, pede um copo com água para matar a sede, senta-se e começa a olhar o céu ensolarado, a fim de contar aves ou simplesmente gastar tempo, longe do barulho e das notícias do mundo. Porém ali existe energia elétrica. Logo, se há eletricidade, possivelmente há acesso à internet, à telefonia móvel e às notícias do mundo. Não demora até que o garçom se aproxime desse vivente e o interrompa entre um intervalo e outro de seu nada fazer, do seu breve ócio, para atualizá-lo sobre as notícias do mundo:

— Ei, amigo, você tá sabendo? O Corinthians empatou com o Cruzeiro!

Após breve período de tempo, ele retorna, olha para a televisão, tira o celular do bolso, aproxima a tela dos olhos, chega-se ao vivente e, seco e direto, diz:

— Acabaram de matar um servente de pedreiro na 'Várgea!'.

É então que por vezes o vivente ri sem jeito, mas no íntimo verte-lhe riso que o garçom nunca entenderá, por mais visível que seja. Diante dessa interatividade malfazeja, o vivente desiste de contar aves e tentar ouvir o silêncio, um silêncio surdo; pede a conta, consciente de que não importa o quanto tente esvair-se, sempre o acharão.

## Progresso

O progresso tem-nos permitido importantíssimas conquistas ao longo da existência humana, não nego. Já chegamos, segundo dizem, à Lua, dominamos o fogo, descobrimos a roda, etc. Tudo muito elevado para bípedes. Parabéns aos homens de ciência pelo contributo a essas conquistas; porém hoje o desafio é outro. Não é viajar na galáxia, tampouco domar o fogo. O desafio hoje, para os habitantes da vida urbana, é atravessar a rua; é vencer a ratoeira urbana.

União dos Palmares ganhou nos últimos dias um banho de asfalto. A cidade está estranha, com muitas retas, lisa, enegrecida, o que muito me espanta. Estava dia desses caminhando por uma de suas ruas centrais e senti falta de lombadas, buracos, paralelepípedos em evidência. Vi-me em uma reta, sem lombadas, sem buracos a desviar, sem paralelepípedos e cercado por calçadas, quando fui assaltado por um sopro de consciência: “Não é isto uma ratoeira?”

Não deixa de ser um sentimento absurdo perceber que União dos Palmares vem se tornando uma *ratoeira*, sobretudo para pedestres, para quem ainda tem o hábito de andar a pé por estes lados. A sensação de que a cidade está nos

últimos tempos sendo projetada para carros, motos e triciclos assusta-me. As ruas estão cada dia mais homogêneas, retas, regulares, nas quais frequentemente a presença das rodas tem substituído passadas de pedestres. Há muito as calçadas têm sido ocupadas, quando não pelo asfalto, por carros, caminhões, carrocerias e, por vezes, postes. Poucos palmarinos notam a mudança, e assim vamos caminhando rumo ao progresso, meio embrutecidos pelos carros, semáforos, apitos, ruas asfaltadas.

Isso se deve em parte ao fato de que não estamos acostumados a pensar sobre nossa relação com o meio em que vivemos. Em busca do pão de cada dia, de nossa sobrevivência, estamos quase sempre apressados e, ironicamente, atrasados para as urgências do cotidiano. Nesse vexame é comum esquecermo-nos de prestar atenção ao que acontece a nosso redor e perceber o avanço do asfalto sobre a calçada, quando muitos têm como prioridade na vida urbana trabalhar e ganhar dinheiro.

Em nome do desenvolvimento da Ciência e do homem, construímos ruas asfaltadas, diminuímos calçadas, tapamos buracos — e o tempo continua a esvaír-se de nosso controle. Continuamos chegando atrasados a compromissos sempre inadiáveis, por mais velozes que sejam os carros que construímos; dormindo mal, ainda que o colchão seja um de última

geração, um Ortobom; insaciáveis, por maior e mais farto que seja o banquete. Continuamos, por meio das mais avançadas tecnologias, a buscar o indizível: a felicidade. Será que um dia chegaremos a alcançá-la?

Por uns preterida, por outros exaltada, tem ao longo do tempo a crônica resistido e se instaurado na vida e cotidiano do brasileiro. Isso se deve em geral a seu objetivo maior, que é captar os flagrantes da vida. É com esse espírito que nasce este livro. Com trinta e três crônicas — que versam em sua maioria sobre o cotidiano dos habitantes da terra de Zumbi dos Palmares e da do Príncipe dos Poetas, Jorge de Lima —, *Reflexões Crônicas* reverbera melodia e sabor da vida dos viventes de União dos Palmares. Nessa perspectiva avolumam-se estes textos, que intentam trazer à tona a face de personagens ocultos pela pressa e progresso do mundo mundo vasto mundo, como diz o poeta. Assim, à luz da palavra, ganham realce a vida do operador de pare e siga, do leiteiro, do vendedor de picolés; tanajuras brotam do asfalto; balas voadoras encontram no silêncio ressonância. Surgem dessa miríade de desilusões, frustrações e incertezas — que é a vida — *Reflexões Crônicas*. Desse modo, tem então o leitor à sua disposição, ainda que por breve existir, álibi para um riso desmedido ou para calar-se ante silêncio necessário e degustar reflexões crônicas.

